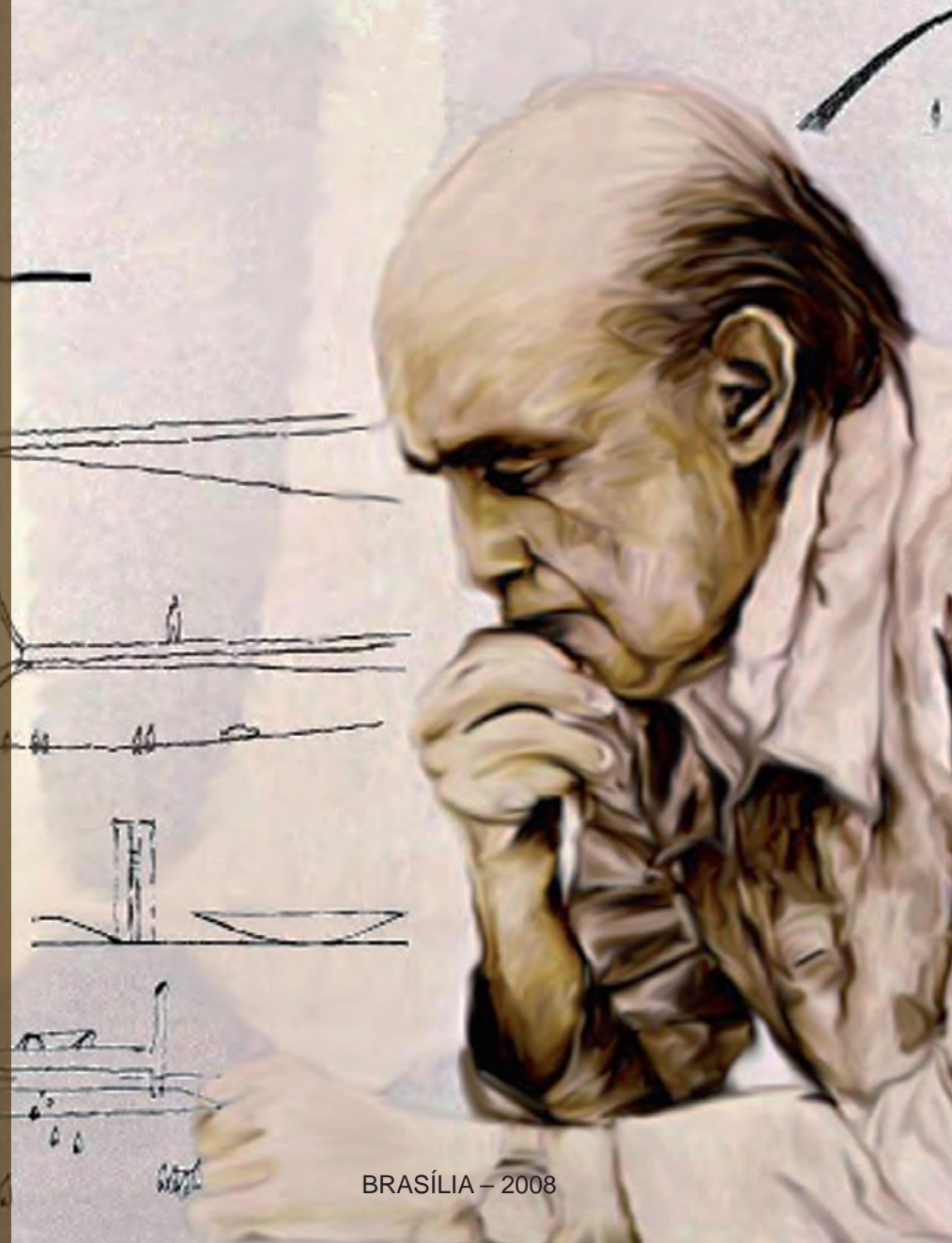


CENTENÁRIO DE OSCAR NIEMEYER



SENADO FEDERAL
SENADOR INÁCIO ARRUDA
PCdoB/CE



BRASÍLIA – 2008



SENADO FEDERAL
SENADOR INÁCIO ARRUDA
PCdoB/CE

CENTENÁRIO DE OSCAR NIEMEYER

BRASÍLIA – 2008

Expediente:

Edição: Aline Pizzato

Diagramação: Daila Malheiros de Santana

Gabinete do Senador Inácio Arruda – PCdoB/CE

Senado Federal, Anexo II, Ala Filinto Müller, gabinete 7

Brasília – DF

CEP 70165-900

Telefone: (61) 3311-5791

Fax: (61) 3311-5798

e-mail: inacioarruda@senador.gov.br

Gabinete em Fortaleza:

Avenida da Universidade, 3199, Benfica

Telefone: (85) 3281-0241

e-mail: falecom@inacio.com.br

SUMÁRIO

	Pág.
Apresentação	5
DISCURSOS	
Senador Inácio Arruda	7
Oscar Niemeyer	13
Deputado Arlindo Chinaglia	15
Senadora Ideli Salvatti	17
Senador Eduardo Suplicy	19
Senador Marco Maciel	24
Senador Efraim Moraes	27
Senador Pedro Simon	29
Senador Francisco Dornelles	34
Senador José Nery	37
Senador Aloizio Mercadante	41
Senador Paulo Paim	43
Senador Paulo Duque	45
Senador Flexa Ribeiro	46
Senador Mão Santa	49

APRESENTAÇÃO

Em todos os momentos da vida pública brasileira, do século XX aos dias de hoje, Oscar Niemeyer se faz presente com a sua força e energia, encantando a todos e dando grandes contribuições às causas que tem abraçado.

Sua forma de agir, sempre marcada pela simplicidade, denota todo seu conhecimento e capacidade. Gênio da Arquitetura, Niemeyer sempre privilegiou a interação de seu trabalho com artistas populares, alçando-os a grandes personalidades, como Cândido Portinari e Athos Bulcão.

Foi em reconhecimento a esse grande nome que o Senado Federal realizou uma sessão solene, fazendo uma justa homenagem ao centenário de Niemeyer, completado em 2007. Em uma iniciativa inédita na Casa, a sessão contou com a participação do próprio arquiteto por meio de videoconferência, brindando a todos os presentes com suas palavras de humildade e sabedoria.

É com vigor intelectual pleno e ainda a impressionar o mundo com o brilhantismo de sua obra que Niemeyer consegue, em uma trajetória que vai além do traço, chegar àquele que é o mais nobre dos sentimentos humanos – a solidariedade.

SENADOR INÁCIO ARRUDA

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos.

A presente sessão especial destina-se a comemorar o centenário de nascimento do arquiteto Oscar Niemeyer Soares Filho, homenagem requerida pelos Senadores Inácio Arruda, Aloizio Mercadante, Ideli Salvatti e outros.

Agradeço ao Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia, a presença nesta sessão.

A Presidência comunica ainda ao Plenário que, pela primeira vez, está havendo a participação ao vivo do homenageado, o arquiteto Oscar Niemeyer, por meio de videoconferência.

Convido o Sr. Carlos Oscar Niemeyer Magalhães, neto do homenageado, para compor a Mesa, bem como a Senhora Edenize Sousa, gerente do Espaço Oscar Niemeyer e representante da Fundação Oscar Niemeyer. Convido todos para, de pé, ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro, que será cantado pela Sr^a Shirley Santos Silva. Em seguida, ouviremos a ária “Cantilena” das Bachianas Brasileiras nº 5, que é a preferida do nosso homenageado, executada pela cantora Esther Marcelino.

Concedo a palavra ao nobre Senador Inácio Arruda, subscritor do requerimento.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Ex^{mo} Sr. Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional, Senador Garibaldi Alves Filho; Ex^{mo} Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia; Il^{mo} Carlos Oscar Niemeyer Magalhães, neto do nosso querido homenageado; Ilm^a Sr^a Edenize Sousa, gerente do Espaço Cultural Oscar Niemeyer e representante da Fundação Oscar Niemeyer; Sr. Igor Campos, Presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil; Sr. Gibson Paranhos, Vice-Presidente da Regional Centro-Oeste do Instituto dos Arquitetos do Brasil; Sr^a Elza Bastos, Presidente do Sindicato dos Arquitetos do Distrito Federal; Sr. Paulo Henrique Paranhos, Presidente da Bienal de Arquitetura de Brasília; Exm^{os} Sr^{as} e Srs. Embaixadores e demais representantes do corpo diplo-

mático, Exm^{os} Sr^{as} e Srs. Deputados Federais, Exm^{os} Sr^{as} e Srs. Senadores, quero me dirigir ao nosso homenageado, uma das mais ilustres personalidades da vida política brasileira, um gigante do século XX que adentra o século XXI. Para que essa homenagem pudesse ter a participação direta do nosso homenageado, tivemos o apoio do Interlegis, uma instituição do Senado Federal que tem dado grande contribuição aos trabalhos desta Casa. Agradeço a todos os seus servidores e funcionários, em especial ao Sr. Márcio Sampaio Leão Marques, Diretor da Secretaria Especial de Programas do Interlegis.

Este é um momento daqueles auspiciosos da vida do povo brasileiro. Eu pediria ao Senador Garibaldi Alves Filho e ao Presidente da Câmara, Deputado Arlindo Chinaglia, que, em conjunto, transformassem a sessão solene do Senado em uma sessão solene do Congresso Nacional, para que as duas Casas pudessem se pronunciar.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex^a será atendido neste momento, de acordo com o Regimento, porque na verdade o homenageado merece receber esta homenagem de todo o Congresso Nacional. E o Deputado Arlindo Chinaglia vai dizer aqui do seu justo orgulho de também poder integrar a Câmara dos Deputados a esta homenagem.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

Estamos no espaço de Niemeyer; o Congresso Nacional é uma das suas grandes obras. Também estamos a um passo da Praça dos Três Poderes, que também é um espaço de Niemeyer, e de tantos arquitetos sob o seu comando e orientação, ou em um coletivo, para fazer mais uma homenagem a um homem que na vida inteira reafirmou seus ideais socialistas e comunistas. Nesse espaço coletivo, ele buscou produzir a sua arte, colocando-a a serviço do povo brasileiro e de várias nações no mundo.

Sr^{as} e Srs. Senadores, convidados e familiares que aqui comparecem em honra ao nosso querido camarada Oscar Niemeyer, arquiteto das formas esplêndidas e do sonho socialista, referência viva da luta por um mundo melhor, mais justo, mais rico – isso mesmo, mais rico –, mais generoso e sobretudo mais humano, esse é o mundo de Niemeyer.

Esta sessão solene que o Congresso Nacional realiza presta uma justa, fraterna e singela homenagem ao transcurso do centenário de nascimento do arquiteto e humanista Oscar Niemeyer.

Artista universal, é reconhecido e admirado em todo o mundo. Sua obra é profundamente marcada pela brasilidade. Seu traço é de ousadia. Ousadia na busca da simplicidade e do novo que molda o concreto e o transforma em suave beleza, como uma bachiana de Villa-Lobos, digamos assim.

Oscar carrega consigo a fibra e a garra de um sertanejo e a leveza e maestria de um valente jangadeiro, singrando os mares do nosso País. Suas obras geniais encontram-se espalhadas em vários continentes, oito países e 39 cidades brasileiras. Trabalhou e trabalha, incansavelmente, quase todos os dias de sua vida. Em um século de existência, desenhou, riscou e rabiscou uma infinidade de projetos que se transformaram em obras magistrais que nos causam deslumbramento.

Emprestou seu talento para as causas populares, projetando vários monumentos em homenagem aos movimentos sociais. Podemos aqui citar alguns que estão sempre à nossa vista, especialmente quando percorremos o nosso País, como o Memorial da América Latina – lá está a mão estendida do povo latino –; o Tortura Nunca Mais, para que nunca mais se perseguisse o povo pelos seus ideais; o túmulo do brasileiro Carlos Marighela; o Memorial dos Operários, em Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro; o monumento aos sem-terra assassinados em Eldorado do Carajás; o monumento erigido em Crateús, no sertão do Estado do Ceará, em homenagem à epopéia da Coluna Prestes, que percorreu o País inteiro para conhecê-lo, formada por gente brava, que percorria o Brasil para poder entendê-lo melhor e desenhar um projeto de Nação.



“Artista universal, Niemeyer é reconhecido e admirado em todo o mundo. Sua obra é profundamente marcada pela brasilidade. Seu traço é de ousadia. Ousadia na busca da simplicidade e do novo que molda o concreto e o transforma em suave beleza.”

Mais recentemente, Niemeyer emprestou seu talento ao projeto da nova sede da gloriosa União Nacional dos Estudantes, na Praia do Fla-

mengo, no Rio de Janeiro; e o Memorial dos Povos do Araguaia, em homenagem à Guerrilha do Araguaia.

Oscar Niemeyer é um militante incansável das nobres causas do povo brasileiro. Entre as suas muitas qualidades a que mais se destaca é o seu elevado comprometimento humano. Seu espírito fraterno, solidário e amigo é sintetizado por uma frase do poeta Vinícius de Moraes: “Amigo? Amigo é Pixinguinha e Oscar Niemeyer”.

Podemos afirmar, com certeza, que Niemeyer, juntamente com outros gigantes como Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Barbosa Lima Sobrinho, Raymundo Faoro, Antônio Cândido, Florestan Fernandes e tantos outros grandes nomes do pensamento brasileiro nos brindaram com uma preciosa e indispensável contribuição ao entendimento de nosso País, buscando alternativas para a construção de uma Nação forte, próspera e soberana.

Homem de forte convicção política e ideológica, Niemeyer nutriu forte amizade com o Cavaleiro da Esperança, Senador da República, Luís Carlos Prestes, a quem chegou a ceder seu escritório para que servisse de sede do comitê do Partido Comunista. Com simplicidade, solidariedade e firmeza, disse ele a Prestes: “Fica com esta casa. O seu trabalho é muito mais importante que o meu”. Assim é Oscar Niemeyer.

Em recente nota divulgada por ocasião do centenário de seu nascimento, o Presidente Nacional do PCdoB, Renato Rabelo, ressaltou o papel destacado de Oscar Niemeyer: “O Partido Comunista do Brasil destaca, entre tantos méritos de um dos arquitetos mais influentes do mundo, o fato de que sua obra tem projetado o Brasil de forma marcante. Um país se torna forte com a riqueza produzida pelo seu povo, mas também pela contribuição indelével de seus talentos, como o de Oscar Niemeyer. Por outro lado, devemos ressaltar sua coerência e o compromisso com o povo, com os oprimidos e com a causa do comunismo e da liberdade”.

Niemeyer, dentre as suas inúmeras entrevistas, afirmou recentemente ao jornal britânico *The Times* que simplesmente não consegue recusar um novo projeto. Sem titubear, assegurou na entrevista:

“O que me faz levantar todas as manhãs é o mesmo de sempre: a luta, a vontade de trabalhar, o comunismo puro e simples”. Assim respondeu Niemeyer.

Permitam-me aqui rememorar um episódio contado pelo escritor Fernando Moraes, em livro sobre a biografia do Marechal Montenegro, um cearense visionário que, em 1950, criou o CTA (Centro Tecnológico Aeroespacial) e o ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica). Segundo Fernando Moraes, Montenegro e Eduardo Gomes tinham concepções diferentes do que deveria ser o ITA. Eduardo Gomes defendia um centro de Engenharia Aeronáutica para apoio tecnológico à FAB. Já Montenegro pensava mais alto: sonhava com uma instituição que produzisse conhecimento tecnológico para toda a sociedade como um todo, nos moldes do MIT, nos Estados Unidos.

O Marechal Montenegro fez um concurso para a construção do Centro Tecnológico de Engenharia Aeronáutica, e o projeto vitorioso foi o de Oscar Niemeyer. Ele recebeu a notícia em Nova Iorque, onde se encontrava com grandes arquitetos, entre eles Le Corbusier, que tinha uma forte ligação com Niemeyer. O projeto era o de Niemeyer! Então, encheu-se de felicidade. Mas, em seguida, recebeu uma segunda notícia de que seu projeto havia sido vetado, porque o Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, chegou à seguinte conclusão: “O projeto não pode ser de um comunista, porque vai influenciar os oficiais, os pesquisadores e os cientistas que se formarão no ITA. Será uma influência comunista”.

Mas o Marechal Montenegro insistiu tanto que chamou Niemeyer: “Venha ao Brasil, em São José dos Campos, Niemeyer. Você topa alterar esse projeto, colocando-o no nome de dois colegas seus para que ele possa ser aprovado e o contrato ser firmado com a Aeronáutica e o Governo?” Oscar Niemeyer disse: “Não tem problema”. Chamou dois colegas, eles assinaram o projeto, fizeram o contrato, e Niemeyer foi lá para dentro da obra. Tudo o que precisou ser alterado e modificado foi feito. Até os móveis daquele complexo de educação superior, ligado ao mesmo tempo a civis e militares, foram construídos como mais uma dessas obras de Niemeyer, entre tantas outras que tiveram o seu traço, embora ele não aparecesse.

Podemos citar a própria Organização das Nações Unidas. Lá está o traçado de Niemeyer, embora, no final, o nome de Niemeyer não esteja ali, numa placa. Mas assim era Niemeyer. O mais importante para ele era que construíssemos aquele centro com o projeto vitorioso.

Temos, portanto, Sr. Presidente, inúmeras razões para externar nossa homenagem. Bastaria esse gesto – houve tantos outros –, para que nós pudéssemos olhar e dizer que esse gigante do povo brasileiro merece a nossa homenagem, pela sua forma de agir, pela sua simplicidade.

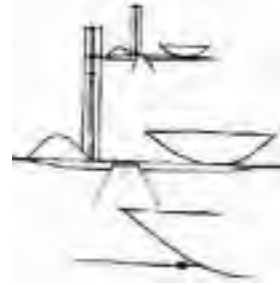
Quantas vezes inúmeros movimentos sociais chegaram a Niemeyer e disseram: “Niemeyer, precisamos que o senhor faça aqui um projeto nosso”. E ele nunca se recusou: “Vou fazer. Como é que você quer? Como é que você está pensando?” E ali ele puxava um traço, um risco e desenvolvia um projeto. Nunca se recusou a dar o seu apoio às causas justas do povo brasileiro.

Não há um momento da vida política brasileira em que a causa progressista, a causa avançada do povo tenha sido colocada em xeque, e Niemeyer não se tenha pronunciado, não tenha dado sua opinião.

Em todos os instantes da vida política brasileira, do século XX aos dias de hoje, Niemeyer está presente, com a sua força, com a sua energia, que vai encantando o povo brasileiro, dando um selo forte às causas que tem abraçado.

Recentemente, em visita a Oscar Niemeyer, ele se referia a essa situação peculiar em que vive o mundo. É que o Brasil e a América Latina vivem um momento auspicioso de governos mais avançados e progressistas, que não são comunistas ou socialistas, mas progressistas, avançados, mais próximos do povo. Ele se referia também ao Presidente Lula e dizia que ele não é socialista, é um operário, um homem simples do povo, que ajuda a construir a Nação brasileira. Isso é bom para o Brasil, assim como é bom haver governos avançados e progressistas na Venezuela, na Bolívia, no Equador, na Argentina, no Chile, no Uruguai, pois representa o povo buscando tomar conta dos seus países, dando mais opinião, não se submetendo aos ditames das regras externas para conduzir a vida, a economia, a política, as relações sociais e a cultura.

“Esse gigante do povo brasileiro merece a nossa homenagem, pela sua forma de agir, pela sua simplicidade.”



São essas razões que exigiram de nós a iniciativa, no Senado, minha, da Senadora Ide-
li Salvatti e do Senador Aloizio Mercadante, mas
subscrita por todos os senadores, de externar
nossa homenagem a esse querido camarada, um
irmão de luta e de fé na caminhada que a humanidade empreende, na dura
e longa marcha pela construção do socialismo.

Não se trata de uma lenda, mas de uma grande vida extraordi-
nária do povo brasileiro, a vida de Oscar Niemeyer, bravo Oscar Niemeyer.
Viva Oscar Niemeyer e viva o povo brasileiro!

Parabéns, camarada forte do nosso povo! Um abraço.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agora,
Sr^{as} e Srs. Senadores, teremos certamente o maior momento desta soleni-
dade, quando, por meio de uma videoconferência, ouviremos a palavra do
grande Oscar Niemeyer. É um privilégio do Congresso Nacional poder home-
nagear esse verdadeiro gênio da Arquitetura brasileira e mundial.

Passamos, então, à videoconferência.

O SR. OSCAR NIEMEYER – É difícil para mim, de improviso,
responder a essa homenagem tão exagerada, tão amiga que vocês estão
fazendo. Afinal, sou um ser humano como outro qualquer, sem a menor im-
portância, que olha para o céu e sabe como somos pequeninos neste mundo
difícil de viver. Mas agrada-me sentir que eu tenho procurado manter o meu
caminho no sentido de um mundo melhor, todos de mãos dadas, que a gente
tenha uma vida mais fraternal, que as pessoas se olhem sem procurar de-
feitos, achando que cada um tem uma qualidade. Lênin já dizia que 10% de
qualidade era o suficiente. De modo que o que queremos, nós, comunistas, é
muito pouco: uma vida simples, todos iguais, solidários. É nesse sentido que,
com o passar dos anos, me sinto tranqüilo comigo mesmo. Lembro que sem-
pre gostei de me examinar um pouco; gostava da solidão, de ficar sozinho,
pensar nas coisas, tentar melhorar um pouco. E isso sempre me levou para o
caminho certo: saber que o importante é a vida, não a Arquitetura.

Quando aqui um jornalista veio me procurar, ele me pediu para falar dos projetos. Não falo não. Quando vejo um grupo de jovens na rua, protestando, o trabalho deles é mais importante que o meu.

Arquitetura eu faço, faço com desembaraço; nasci para ficar em cima da tábua, na mesa de desenho; produzo uma arquitetura diferente, não tem surpresa. Enfim, estou tranqüilo no caminho da minha arquitetura, não tenho problemas e é um momento de prazer em que me distraio fazendo o meu trabalho.

Mas o importante para mim é isto: é o contato, é procurar a juventude, o momento em que a gente precisa ajudar os mais jovens. Eles chegam com histórias, eles precisam ver que eles não vêem nada. Eles saem da escola como homens especialistas. Só sabem assuntos da profissão. Isso é que a gente tem de combater. Têm de sair sabendo que vai participar de um mundo injusto, que têm de colaborar. De modo que o mundo é cheio dessas coisas, e a gente precisa levar em conta, e a juventude é preciso ser cuidada com mais atenção, sabendo o mundo que espera e pronta a colaborar, porque a vida é só um minuto, pelo menos, que ela seja produzida num clima de fraternidade e boa vontade, as pessoas com vontade de ajudar as outras. Isso é que é importante.



“Arquitetura eu faço, faço com desembaraço; nasci para ficar em cima da tábua, na mesa de desenho; produzo uma arquitetura diferente, não tem surpresa. Enfim, estou tranqüilo no caminho da minha arquitetura, não tenho problemas e é um momento de prazer em que me distraio fazendo o meu trabalho.”

Enfim, eu faço a minha arquitetura com muito prazer. Não tem nada de especial. Procuro dar uma forma diferente, mais livre. Gosto de desenhar. Eu sou um arquiteto, um desenhista e nada mais. É esse o papel da minha vida. Vou deixar minha historinha e, como todas as outras, vai desaparecer também. É isso. Eu sou realista. Não estou no caminho do Scho-

penhauer. Estou no caminho de um mundo melhor, de um mundo de paz, de um mundo, enfim, que a gente espera: todos de mãos dadas, vivendo fraternalmente neste curto período que o destino nos oferece.

Acho que o importante é a gente olhar, sentir que é pequeno, que tem que ser solidário. Um dia um jornalista me perguntou: “Oscar, qual é a palavra que você quer eterna?” Eu disse: “É solidariedade; é isso que eu quero”.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia.

O SR. ARLINDO CHINAGLIA – Ex^{mo} Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Garibaldi Alves; prezado e grande Oscar Niemeyer; quero cumprimentar o Senador Inácio Arruda e agradecer a S. Ex^a e ao Presidente Garibaldi Alves pelo gesto de generosidade ao propor e concordar que esta sessão, inicialmente do Senado Federal, se transformasse numa sessão do Congresso Nacional.

Determinadas homenagens como esta que prestamos ao gênio da Arquitetura, ao militante político, a um exemplo de determinação e convicção que é o arquiteto Oscar Niemeyer engrandecem quem homenageia, exatamente porque o fazemos com a segurança de que estamos fazendo o justo, o necessário. E mais do que isso, temos a absoluta certeza de que estamos fazendo o insuficiente.

Oscar Niemeyer nos honra como brasileiro e impressiona o mundo por uma trajetória que vai além do traço, além da arquitetura e da escultura, mas chega – como ele próprio o disse – naquilo que é o mais nobre dos sentimentos humanos, que é a solidariedade. E são mais solidários aqueles que têm maior sensibilidade. No caso do grande brasileiro Oscar Niemeyer, ele é tão mais solidário, exatamente pela grandeza que tem em sua genialidade, em seu intelecto e em seu coração.

Não há como dissociar a sua obra da vida política nacional, como bem o disse o Senador Inácio Arruda. Oscar Niemeyer foi praticamente expulso da Universidade de Brasília. Vejam que ironia: ele, que, junto com Lúcio Costa e toda uma equipe de trabalho que também homenageamos,

construiu os mais belos monumentos desta cidade. E, como também disse aqui o Senador Inácio Arruda, Oscar Niemeyer, em reiteradas entrevistas e até em um diálogo pessoal que eu tive a honra de ter quando o visitei recentemente em seu escritório, tem afirmado que seu monumento preferido é o Congresso Nacional.

O Congresso Nacional consiste de casas plurais e democráticas. Então, diria que nossa identidade com Oscar Niemeyer, e principalmente de Oscar Niemeyer com o Congresso Nacional vai além da arquitetura, sem minimizar o feito, para dizer que chega à política e à radicalidade democrática, exatamente aquilo que mais traduz, na prática, a solidariedade. Por isso disse anteriormente que o Congresso Nacional cresce com esta homenagem, porque o mundo reverencia Oscar Niemeyer.

“No caso do grande brasileiro Oscar Niemeyer, ele é tão mais solidário exatamente pela grandeza que tem em sua genialidade, em seu intelecto e em seu coração.”



O mesmo Oscar Niemeyer que saiu da UnB foi aquele que, parece-me, no ano de 1970, se afastou da Academia de Artes e Letras norte-americana por ser contrário à guerra do Vietnã. É o mesmo Oscar Niemeyer que teve de sair do Brasil e foi recebido de braços abertos pela França, que, por um decreto presidencial, o autorizou a trabalhar como se arquiteto francês fosse. Podemos achar que isso seria o óbvio – e de fato era –, mas não era tão óbvio no Brasil, porque a ida de Oscar Niemeyer para a França, lamentavelmente, serviu como corolário a uma tese absolutamente infame, mas que à época vicejou, que foi a seguinte: lugar de arquiteto comunista é em Moscou.

Mas faz parte da História do Brasil. E é por isso que fazemos questão de registrar, a exemplo do que fez agora o nosso querido Oscar Niemeyer, que se dirige à juventude, que a juventude tem de aprender com a nossa História, da mesma maneira que aprende com o gênio de Oscar Niemeyer.

Portanto, agradeço, mais uma vez a decisão do Presidente do Senado, agradecendo ao Senador Inácio Arruda, que nos permite, de maneira, digamos, singela, também manifestar a nossa homenagem.

Quero informar que fizemos na Câmara dos Deputados um ano de homenagem do centenário de Oscar Niemeyer, que culminou com uma placa em sua homenagem praticamente na divisa entre a Câmara e o Senado, exatamente pelo respeito, pela admiração e pelo carinho dos quais o Congresso Nacional é porta-voz do povo e da sociedade brasileira neste momento.

Um abraço, saúde a Oscar Niemeyer! Parabéns ao Congresso, especialmente ao Senado Federal.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) –Concedo a palavra à nobre Senadora Ideli Salvatti.

A SRA. IDELI SALVATTI (Bloco/PT – SC) – Cumprimento o Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional, Senador Garibaldi Alves; o Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia e demais autoridades presentes.

Mas quem eu quero cumprimentar mesmo, porque a teleconferência permite isto, é Oscar Niemeyer, arquiteto de dois séculos. Você arquitetou esses dois séculos no País.

Niemeyer já disse que: “A data não é importante. A idade não é importante. O tempo não é importante. A arquitetura não é importante. O que nós criamos não é importante. Somos muito insignificantes, o que importa é ser tranqüilo e otimista”. Tranqüilo você é indiscutivelmente ao longo desses 100 anos e otimista, não tenho dúvida, porque só uma pessoa otimista mantém, ao longo de 100 anos, essa confiança no povo, na justiça, na liberdade, na fraternidade, de que o mundo pode e deve ser melhor, cada vez melhor, e cada um tem obrigação de contribuir para que isso aconteça.

Por isso, não tem jeito, você pode dizer que não é importante, mas, pedindo perdão, quero dizer que você, nosso arquiteto, ao comemorar 100 anos no dia 15 de dezembro, não temos como não considerar essa idade e essa data importante e fundamental. No seu caso, Oscar Niemeyer, não dá para falar de insignificância.

É inadmissível para nós considerar o que você fez, representa e simboliza com insignificância, até porque você passou pela efervescência do entre guerras, por momentos difíceis durante a ditadura no nosso País e participou ativamente da reconstrução democrática; você teve posicio-

namento e ação política internacional em momentos muito difíceis do nosso planeta; você ajudou a construir Brasília, que orgulha tanto o nosso País, e você continua a edificá-la. Você é esse arquiteto de dois séculos. Você chega ao século XXI, para fazer inveja a muitos arquitetos, a muitos militantes do movimento político, produzindo como poucos. Por isso, mais do que o nosso arquiteto mais famoso e mais importante, para nós, brasileiros, você é um homem com uma postura crítica, uma consciência social e política rara.

É muito conhecida a sua frase: “Jamais fui hostil a movimentos de protesto, inclusive dos países socialistas. É necessário protestar contra a miséria, as injustiças, as desigualdades. Toda palavra dita com coragem só pode merecer a minha estima”.

Portanto, Oscar, o seu compromisso com os movimentos sociais, com as lutas dos oprimidos, dos discriminados, é inquestionável. Comunista convicto, a sua luta pela democracia é marcante. Eu só tive a oportunidade de conhecê-lo neste ano, na estréia do show do Chico Buarque de Hollanda, num momento para mim de muita emoção, porque eu estava convivendo com pessoas que são ícones, como Fernanda Montenegro, Marília Pêra, Marieta Severo. Você estava recém-casado, amor novo. E eu quero chegar – não vou dizer aos 100 anos, em hipótese alguma – aos 60 anos com um amor novo, porque uma pessoa que tem capacidade de produzir e amar permanentemente merece de todos nós respeito, carinho e admiração.

“Você chega ao século XXI, produzindo como poucos. Por isso, mais do que o nosso arquiteto mais famoso, mais importante, para nós, brasileiros, você é um homem com uma postura crítica, uma consciência social e política rara.”



Quero terminar as minhas palavras lembrando como o Chico Buarque se referencia em você. Ele conta sempre essa história. Ele diz que havia um projeto de uma casa para a família de Chico Buarque que você tinha feito e que nunca foi construída, e todos se referiam a ela como a casa do Oscar. Chico Buarque fazia Arquitetura e desistiu para se dedicar à música. Então, ele deixou de ser aprendiz do Oscar para ser aprendiz do Tom

Jobim. Chico Buarque sempre declara: “Quando a minha música sai boa, penso que parece música do Tom. Mas música do Tom, na minha cabeça, é casa do Oscar”.

Portanto, Oscar Niemeyer, você é a referência maior da perfeição.

O poeta Ferreira Gullar o homenageia – para homenagear um outro artista – num poema muito lindo, que termina da seguinte forma: “Oscar nos ensina que a beleza é leve”.

Você é leve, Oscar Niemeyer. Você nos levita, nos faz colocar tudo que é importante, imprescindível, num patamar de importância e de responsabilidade.

Por isso, da mesma forma como, muito emocionada, eu o beijei em janeiro deste ano no Canecão, quando você estava acompanhado do seu novo amor, agora, também muito emocionada, como não posso beijá-lo por teleconferência, peço-lhe que receba no seu coração o beijo de toda a Nação brasileira, que o respeita, que o ama, que o admira, com a significância e a importância que você conseguiu conquistar nesses cem anos de vida.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

O SR. EDUARDO SUP LICY (Bloco/PT – SP) – Senadora Ideli Salvatti, cumprimento V. Ex^a e os Senadores Inácio Arruda e Aloizio Mercadante pela iniciativa da homenagem ao amigo de todos nós brasileiros, Oscar Niemeyer. Fico admirado de vê-lo. Visitei-o no primeiro semestre deste ano, quando tivemos um diálogo precioso de aprendizado sobre a vida. Tinha visto o filme Oscar Niemeyer, sobre seus 100 anos de obras e fiz questão, antes de visitá-lo em seu apartamento, de apreciar algumas das suas principais obras.

Visitei as obras de Niterói – coisas tão belas; todos os dias em que entro neste Senado maravilhoso, fico apreciando a qualidade formidável de seu desenho e, sobretudo, o sentido maior de sua vida, que ensina, a cada dia, a todos nós brasileiros e à humanidade o seu sentido da busca da solidariedade, da justiça.

“Ah, como é mágico ver surgir na folha branca de papel um palácio, um museu, uma bela figura de mulher! Como as desejo e gosto de desenhá-las! Como as sinto nas curvas da minha arquitetura!” Essas suas

palavras dizem tanto daquilo que representa todo o seu ensinamento. Assim Niemeyer autodefine a sua arte. A arte de criar, de dar forma ao imaginário, de intervir no meio sem agredi-lo, juntando o concreto à natureza.

Com a junção de linhas curvas e retas, Niemeyer soube criar um estilo próprio de Arquitetura, desafiando espaço na amplidão dos vãos livres. Respeitado em todo o mundo pela sua capacidade de superar obstáculos e idéias, e transformar sonhos em matérias, caro Niemeyer, você não é só Arquitetura; é também escultor, cenógrafo, escritor.

Comemorar os cem anos de Niemeyer é quase isso, é seguir o seu espírito arrojado, inovador. É comemorar a sensibilidade do artista que soube tão bem captar a beleza das linha em prol da construção de um mundo mais bonito, quer na matéria, quer no espírito dos homens.

Niemeyer solucionou magistralmente o problema da forma na Arquitetura, um “equivoco ampliado pelo funcionalismo”, segundo o próprio arquiteto. É um problema que o preocupa por toda a vida, e no qual interveio, pela primeira vez, em 1940, quando projetou as obras de Pampulha, em Belo Horizonte.

Oscar Niemeyer provou ser possível atuar na profissão sem se omitir, mantendo-se “politicamente engajado”, conforme aqui enfatizaram Inácio Arruda, Ideli Salvatti e o Presidente Arlindo Chinaglia. Sobre suas idéias políticas, diz sempre ter sido um revoltado, desde criança, quando morava com a família no Bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Criado num ambiente feliz pelos pais e avós, que o prepararam com carinho e conforto para a vida, ele reconhece que foram esses seres tão especiais – como pessoas humanas – os co-responsáveis geneticamente por suas qualidades e defeitos.



“Com a junção de linhas curvas e retas, Niemeyer soube criar um estilo próprio de Arquitetura, desafiando espaço na amplidão dos vãos livres.”

Apreendeu desde cedo, dentro de casa, a não ter dúvidas sobre a posição a tomar, num País onde 75% da população sofre, é explorada e

perseguida. Entrou para o Partido Comunista em 1945 e acolheu alguns de seus líderes, em seu escritório, ao saírem da prisão, dizendo a Prestes: “Fica com a casa; seu trabalho é mais importante que o meu”. E desde então nunca mudou de atitude.

Trabalhou demais – e continua trabalhando. Um homem que ficou num canto a desenhar, sem sentir o universo que o cerca em todas as suas grandezas e mistérios, sem ter tempo de olhar para a própria vida. Mas fez o que pôde fazer e não esqueceu os que sofrem, e com eles ainda caminha solidário.

Quando iniciou a sua vida de arquiteto, em 1936, a Arquitetura se fixava com o funcionalismo pontificado, recusando a liberdade de criação e a invenção arquitetural. Impunha-se sistemas construtivos e limitações funcionalistas. Mas que não convenceram o jovem Oscar, que olhava as obras do passado tão cheias de invenção e lirismo. Não podia compreender como a Arquitetura contemporânea permanecia fria e repetida, numa época de concreto armado que podia oferecer formas livres e inesperadas.

Para uns, é só a função que conta; para outros, inclui a beleza, a fantasia, a surpresa Arquitetural que é para Niemeyer a própria Arquitetura. No começo, Niemeyer procurou aceitar tudo isso como uma limitação provisória e necessária, mas depois voltou-se inteiramente contra o funcionalismo, desejoso de ver a Arquitetura integrada na técnica que surgia e juntas caminhando pelo campo da beleza e da poesia.

E essa idéia passou a dominá-lo, irreprimível, decorrente talvez de antigas lembranças das igrejas de Minas Gerais, das mulheres belas e sensuais que passam pela vida, das montanhas recortadas esculturais do meu País.

“Oscar, você tem montanhas do Rio dentro dos olhos”, ele ouviu um dia de Le Corbusier. Mas era a forma absoluta que o atraía, pura e delgada, “solta no espaço à procura do espetáculo arquitetural”.

E isso explica sua atuação diante das obras da Pampulha, já tocada por essa vontade imperiosa de contestação e desafio. Pampulha surgiu com formas diferentes, abóbadas variadas, a marquise de curvas da Casa do Baile, que conquistou admiradores e contestadores.

Era o bairro diferente com que JK sonhava, que tanta falta fazia a Belo Horizonte, de formas novas e arquitetura leve.

E a partir da Pampulha, não só o Brasil, mas o mundo se abriu para uma arquitetura nova, de formas mais livres, que nem todos conseguiram acompanhar ou mesmo entender.

Oscar Niemeyer deixa marcas na arquitetura por meio de importantes contribuições, inovações, como as fachadas inclinadas da sua residência Prudente de Moraes e a Escola Julia Kubitschek, o teto convexo do late Clube do Rio de Janeiro, as coberturas em curvas e retas da residência Oswald de Andrade, os pilotis em dois “VS” do conjunto JK e, depois, com a arquitetura de Brasília, ainda mais variada e radical.

Essas foram as bases para todo o resto da arquitetura de Niemeyer, que consegue ainda nos surpreender a cada nova obra, a cada criação arquitetural que tanto o ocupou a vida toda, embora estivesse interessado em outros problemas, preocupado com a miséria, muito mais importante, para ele, do que a própria arquitetura.

Foi pensando também naqueles que não têm ainda os direitos plenos à cidadania que Niemeyer se preocupou em fazer o “belo” nas suas obras. Ele queria que todos, sem exceção, pudessem admirar uma bela obra, uma bela paisagem, mesmo que não tivessem dinheiro para entrar nela, possuí-la. Esse prazer visual sem distinção de classe era uma preocupação constante.

“Quando uma forma cria beleza, ela tem uma função e das mais importantes da Arquitetura.”

Imprescindível ainda é falar do homem. Todos que o conhecem são unânimes em dizer: “Niemeyer sabe conquistar amigos, mantê-los a seu redor, ajudá-los quando necessário. Os amigos lhe são essenciais. Assim como o cuidado com os amigos, é o tempo. Niemeyer tem sabido esticá-lo. São 79 anos de atividade profissional, desenhando palácios e cadeiras, fábricas e prédios de apartamento, universidades, sede de escolas de samba, mulheres nuas, igrejas, hospitais, bibliotecas, clubes, museus, pontos de ônibus, ginásios para shows de rodeio, relógios de sol, esculturas e um projeto de cidade para o deserto de Negev, em Israel, além dos Ciep e Ciac, que precederam os CEU e que constituem um

prolongamento da sua própria idéia, como da de Darcy Ribeiro e de Anísio Teixeira.

Cem anos é muito tempo, mas para Niemeyer ainda é pouco – para ele, que já foi reverenciado por grandes nomes do pensamento, da literatura e da moda no século XX, desde o francês André Malraux ao português José Saramago e o italiano Giorgio Armani. Prêmios são inúmeros – entre eles, o maior prêmio de arquitetura do planeta, o Pritzker, de 1988.

Ele nasceu em 15 de dezembro de 1907, trabalhando quase todos os dias da sua vida – sábados, domingos e feriados incluídos. Ainda quando menino, desenhava no ar, o dedo indicador riscando a arquitetura das nuvens e do vento, desenhos que transferiu para o papel depois de adulto.

Desde moço, ele assumiu-se comunista, um socializador que quer partilhar seu talento e suas idéias com responsabilidade e preocupação social. Isso está acima das irretocáveis obras que projetou.

Niemeyer poderia ser músico, engenheiro, veterinário, gari, provavelmente em qualquer atividade seria genial. Mas é seu sentimento que o faz tão especial. Ele nunca quis ser grande, no entanto é o maior. Mais importante não é a arquitetura, mas a vida, os amigos e este mundo injusto que devemos modificar. Assim é Oscar Niemeyer, um século de arte, de vida, de sentimento, de solidariedade, de amizade, de busca de justiça e de igualdade social.

Assim, prezado Oscar Niemeyer, muito obrigado por ter-nos ensinado tanto, não apenas no âmbito da arquitetura, mas, sobretudo, nos caminhos de solidariedade entre os povos e entre os brasileiros. Que bom que o Presidente Lula, ao longo de seu mandato, tem conseguido diminuir o grau de desigualdade e conseguido diminuir significativamente o número de pessoas que vivem em condição de pobreza absoluta no Brasil. Mas é preciso o seu sopro para que, mais e mais, esses ideais sejam alcançados.

Parabéns, Oscar Niemeyer!

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra o Senador Marco Maciel.

O SR. MARCO MACIEL (DEM – PE) – Ex^{mo} Sr. Senador Garibaldi Alves Filho, Presidente do Senado Federal e, por consequência, do Congresso Nacional; Ex^{mo} Sr. Senador Inácio Arruda, que, juntamente com a Líder Ideli Salvatti, Senador Aloizio Mercadante e Senador Eduardo Suplicy, requereu fosse prestada esta homenagem ao arquiteto Oscar Niemeyer, Sr^{as} e Srs. Senadores, Sr^{as} e Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores;

Durante a Primeira Grande Guerra Mundial, o Presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson propôs 14 pontos que poderiam levar ao fim do conflito. O então chanceler da França o interpelou: “Deus se conformou em dar dez mandamentos e o senhor quer nos trazer aqui 14 pontos”, sinal de que o Presidente teria ido além do que Deus prescrevera.

Eu poderia aplicar isso à vida de Oscar Niemeyer. Como nós poderíamos falar de uma vida tão proba e fecunda quanto a do Oscar Niemeyer em tão pouco tempo? E, por isso mesmo, não vou me atrever a fazer uma síntese de alguém que é já passageiro de dois séculos e que tem não somente uma vida caracterizada por uma grande coerência, mas que tem uma contribuição oferecida ao País e ao mundo que o tornou um cidadão do século.

Portanto, falar de Niemeyer é falar de alguém que além de ser – perdoem-me o lugar comum – uma unanimidade nacional, mas é também um cidadão do mundo. Certamente, é o brasileiro, no campo da cultura, da ciência e da arte, mais conhecido e respeitado do planeta. Não vou tocar aqui todos os pontos dessa múltipla personalidade de Oscar Niemeyer. Vou me ater apenas a quatro, até para que não se alongue a minha manifestação.

Em primeiro lugar, eu lembraria o humanismo. Oscar Niemeyer é um perito em humanidade. A ele se poderá aplicar o que disse Terêncio, o grande poeta latino: “Nada do que é humano lhe é estranho”, porque Niemeyer é mais do que um arquiteto, mais do que um escultor, mais do que um artista, mais do que um poeta. Niemeyer tem uma visão dilatada do mundo e seus problemas, o que se reflete, sobretudo, na preocupação com o social. A palavra-chave dele, aqui já salientada, é “solidariedade”, mais do que associativismo, porque ela ultrapassa o limite da agregação para se converter numa ação concreta em favor dos menos favorecidos. Niemeyer é cidadão com essa percepção do mundo. Parafraseando Carlos Drummond

de Andrade, poderíamos dizer que ele “tem duas mãos e o sentimento do mundo”.

Outra característica de Oscar Niemeyer, a arte de criar, no mundo real de hoje, um mundo mais humano.

O segundo ponto, aqui também já aludido, diz respeito à preocupação que Niemeyer sempre expressou pelos jovens: a dileção – a predileção diria até – pelos jovens. Sabemos que o Brasil, não somente é um País jovem, mas um País dos jovens. Pensar o jovem é pensar o futuro; e pensar o futuro é sonhar ser possível converter o Brasil numa grande nação. E daí por que não devemos, podemos ter outra conduta que não seja marcada por uma grande provisão de otimismo, o que levou Juscelino Kubitschek, de quem Niemeyer era amigo também, a dizer que, com relação ao Brasil, “o otimista pode errar, mas o pessimista começa errando”.

A atenção de Niemeyer para com os jovens, pelo idealismo destes, é construir uma nação que seja parceira dos sonhos de liberdade, solidariedade, paz, fraternidade e igualdade, enfim, a construção de um futuro que seja realmente expressão daquilo que nosso País deve ser.



“Niemeyer, através do seu traço, foi o inventor de novas formas, descobriu novos caminhos e, por isso, enriqueceu a nossa civilização.”

O tempo, no campo da cultura, não é o simples perpassar cronológico. O tempo significa conjugar transformação e permanência em sua fecunda interposição entre presente, passado e futuro. O que levou Gilberto Freyre a dizer que o tempo é trípico. Niemeyer, com acuidade, certa feita observou: “Nossa tarefa... é criar, hoje, o passado do amanhã”. E foi com essa preocupação que Niemeyer, recentemente, revelou o desejo de instituir, na Fundação que ostenta seu nome e tem, como Diretora-Executiva, sua neta Ana Lúcia Niemeyer, uma Escola de Arquitetura e Humanidades. O que ele deseja é não apenas formar técnicos, que são imprescindíveis, mas, muito mais do que isso, ele quer formar cidadãos na múltipla expressão da palavra, ou seja, pessoas atentas ao que o homem necessita: pão, espírito, justiça e liberdade.

O terceiro ponto na vida de Oscar Niemeyer, que tanto admiro há muito tempo e tive a ventura de conhecer nos idos de 1975 e 1976, é sua coerência de vida, essa compatibilidade entre o pensar e o agir. É muito difícil manter essa coerência, mesmo porque o processo vital é de múltiplos desafios. Mas Niemeyer permaneceu sempre fiel a si mesmo, a sua vida é de uma linearidade que ninguém desconhece e por isso é tão estimado e respeitado.

Poderia aplicar, com relação a Niemeyer, uma frase de Tancredo Neves, em carta dirigida ao então candidato a Vice-Presidente José Sarney: “No campo da política, o exemplo é mais importante do que o discurso”. Niemeyer tem vida retilínea, que nos serve de paradigma e faz com que a sociedade o veja como modelo e que os jovens o elejam como ídolo. Daí não podemos deixar de, nesta hora, destacar esse aspecto tão significativo de sua formação, do seu caráter.

O último ponto a que me referirei diz respeito ao fato de ser Niemeyer, mais do que um arquiteto, um escultor, um artista, um poeta, um inventor, enfim, uma pessoa que tem ampla percepção do mundo, capaz de tornar possível o que sonhamos, não somente para o País, mas para a humanidade, nesses atribulados dias em que vivemos. Foi por isso que Niemeyer se tornou uma personalidade acatada em todo o País e igualmente respeitada e querida no exterior. Porque Niemeyer, através do seu traço, foi o inventor de novas formas, descobriu novos caminhos e, por isso, enriqueceu a nossa civilização.

Não por outra razão, ele, recentemente, teve reconhecida por instituições inglesas a sua inscrição como um dos cem gênios do século, em homenagem ao que ele vem fazendo, com sua arte, para que torne possível converter os sonhos em realidade.

Sabemos que as formas de arte que permanecem na memória dos homens são inventadas. E Niemeyer é uma vida toda marcada por essa característica muito peculiar, de estar, ao mesmo tempo, sendo coerente e inventando novas formas de arte, deslumbrando a todos nós e enriquecendo o mundo da cultura, da ciência e da arte.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Efraim Morais.

O SR. EFRAIM MORAIS (DEM – PB) – A homenagem que o Congresso Nacional presta hoje Oscar Niemeyer, no momento em que se celebra o seu centésimo aniversário, é motivo de orgulho para cada brasileiro. Para mim, é motivo de alegria ainda mais especial haja vista que minha formação profissional é a Engenharia Civil. Exerci a profissão durante vários anos e conheço bem quantos são os desafios para transformar um projeto em realidade. A minha admiração pelo arquiteto carioca é, sem sombra de dúvida, inesgotável. A cada obra, a cada novo projeto, há um detalhe ou algo que me provoca aquele espanto de admiração do jovem estudante de Engenharia diante de algo tão fabuloso que está além das palavras.

Poderíamos definir Niemeyer por um sem-número de palavras. Seria, no entanto, lugar-comum chamá-lo de gênio, inovador, criativo. Niemeyer se destaca, creio eu, por ter sabido compreender o que foi a arquitetura tradicional brasileira, o que foi o modernismo arquitetônico, quais foram as contribuições de mentores como Lúcio Costa ou Le Corbusier e, apesar de tudo isso, não ter sido um mero repetidor da obra de grandes criadores.

“De um traço nasce a arquitetura. E, quando ele é bonito e cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra de arte.”



O fascinante a respeito de Niemeyer é a sua capacidade de, a partir de influências gigantescas, ter sido capaz de criar uma obra que tem personalidade própria e se destaca onde quer que a encontremos. Se estamos na cidade de São Paulo, ao olharmos para o edifício Copan, mesmo se não somos especialistas em arquitetura, somos capazes de vê-lo se destacar em meio à floresta de edifícios da capital paulista. Se estamos em Niterói, o Museu de Arte Contemporânea é como um gigante parido da terra. Se estamos em Brasília, ao entrarmos na Catedral, somos capazes de sentir, ali, a presença divina manifestada por meio da beleza.

Niemeyer provoca emoções do tipo que deve ter sentido o Papa Júlio II ao ver Michelangelo concluir a pintura da Capela Sistina. E a inteligência de Oscar Niemeyer não está apenas na beleza pura que consegue

colocar em seus projetos. É a aliança entre forma e conteúdo que obriga os engenheiros calculistas a serem também revolucionários.

O arquiteto Ricardo Ohtake disse, em entrevista recente, algo muito revelador do que o trabalho de Niemeyer representou. Afirmou Ohtake:

“O Niemeyer fez introduzir linhas curvas. Uma arquitetura possibilitando uma cobertura curva. No Complexo da Pampulha, ele começou fazendo a igreja como cobertura. A Casa de Baile tem um pequeno espaço fechado e depois uma marquise que vai fazendo curvas sinuosas, possibilitando ter uma paisagem do mar. Isso tudo foi ele quem inventou. E ninguém esperava ver uma coisa dessas. Até hoje o Niemeyer avança no processo de cálculos de estrutura. Ele obriga os engenheiros a se virarem. O projeto de arquitetura aqui sempre foi muito desenvolvido. Quando esses projetos foram para a Europa, eles ficaram boquiabertos; foi daqui pra lá.”

Ao conseguir aprender o que os gênios fizeram, reelaborar isso e produzir algo de novo, é aí que encontramos a genialidade de Niemeyer. É isso que Ohtake quer dizer quando afirma que os europeus ficaram boquiabertos ao descobrirem a obra de Oscar.

E Oscar tem algo de sensacional, que é a simplicidade. Suas obras, se observarmos as que estão aqui em Brasília, são monumentais mais pela admiração que causam, não tanto pelo seu tamanho ou pelo seu detalhismo. Como o próprio arquiteto afirmou certa vez: “De um traço nasce a arquitetura. E, quando ele é bonito e cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra de arte”.

Ou seja, é possível ser simples e, ao mesmo tempo, construir algo que seja brilhante e monumental. É por isso que o próprio Oscar, bastante humilde, respondeu a um entrevistador, outro dia, que preferia se abster de tecer comentários sobre os novos arquitetos brasileiros. Disse apenas que os arquitetos hoje estão muito preocupados em usar materiais caros para criar obras que se destaquem.

Fiquei pensando nisso ao ler a entrevista e concluí que Niemeyer tem razão. Ele conseguiu o destaque com materiais baratos, com coisas simples: uma tinta branca, cimento, vidro e outros materiais comuns da ar-

quitetura. Do pouco fez muito. Da simplicidade fez o genial – eis a grande maravilha da obra de Niemeyer.

Mas Niemeyer conseguiu algo que poucos conseguem e que é o sonho de todo arquiteto: que a sua obra não seja apenas o reflexo de sua imaginação, mas que tenha a capacidade de ser um índice do que o povo é.

Isso foi bem entendido pelo júri do Prêmio Pritzker, o Nobel da Arquitetura, ao concedê-lo a Niemeyer em 1988. Afirmaram eles:

“Existe um momento na história de uma nação em que um indivíduo captura a essência da cultura e lhe dá forma. Algumas vezes é música, pintura, escultura ou literatura. No Brasil, Oscar Niemeyer capturou essa essência com sua arquitetura. Seus projetos arquitetônicos exalam a imagem de cores, luz e sensualidade de sua terra natal.”

Observaram também que, se Niemeyer é mais lembrado por causa de Brasília, a sua obra não se esgota na cidade e se esparrama pelo mundo.

Oscar Niemeyer, mais do que qualquer outro brasileiro, conseguiu representar o espírito do nosso povo, e não é exagerado afirmar que, depois de Brasília e seus prédios, nos tornamos mais brasileiros, mais senhores do nosso destino.

Encerro este breve pronunciamento não apenas celebrando Oscar Niemeyer, mas, sobretudo, agradecendo ao que ele realizou por nós brasileiros.

Muito obrigado.

O SR. PEDRO SIMON (PMDB – RS) – Venho a esta tribuna para prestar um ato de homenagem e de penitência. Há algum tempo eu venho dizendo que o País perdeu nos últimos tempos as suas melhores referências. Na política, perdeu Ulysses, Teotônio, Tancredo, Montoro, Covas. Na imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Castelo Branco. Na Igreja, Dom Helder, Dom Ivo Lorscheiter. Na Academia, Florestan Fernandes e Celso Furtado. Na literatura, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade.

Enfim, em todos os campos da nossa realidade desigual de um País de contrastes.

Nesta oportunidade, quero retificar o meu discurso. O Brasil tem uma das melhores referências mundiais vivas de toda a sua história. Aliás, uma referência que o País tem o orgulho de ostentar no cenário mundial, em quase todo o século passado e neste novo milênio recém-iniciado. Em tempos nos quais imperam os senhores da guerra, são poucas, mas fortes, as mensagens de paz. Na política, na religião, nas artes, na academia, na imprensa e em todos os campos da vida de todos os povos e de todas as nações. Entre esses mesmos mensageiros, o nome de Oscar Niemeyer é pronunciado e referenciado, hoje, em todas as línguas e em todos os sotaques em todo o mundo.

As obras de Niemeyer são muito mais que belezas plásticas estampadas em estruturas harmônicas de concreto: são símbolos de paz e de solidariedade plantados em todos os cantos e recantos de nosso Planeta. Nelas estão presentes a Igreja – me perdoe meu querido Niemeyer –, a academia, as artes, a política e a literatura. Elas representam todos os povos, seja nos memoriais ou nas sedes mais importantes das organizações internacionais.

Niemeyer é, portanto, um brasileiro cidadão do mundo.

Apesar de Oscar Niemeyer considerar sua obra coisa qualquer, ele é um desses arquitetos que, não obstante todos os pesares da barbárie humana, mantém viva em todos nós a beleza da criação. Trata-se de uma obra que revela a suavidade das curvas, apesar das monotonias de todas as retas. Desnuda o que a natureza tem de mais belo, apesar da teimosia insana dos que insistem em destruir o que ela tem de mais sublime.

Dizia Michelangelo, quando perguntado sobre de onde vinha tanta criatividade, que a escultura já se encontrava pronta desde o mármore. Cabia ao artista, como ele, retirar os excessos e expô-las à luz. A arquitetura já está pronta no mármore. O artista apenas tira o que está sobrando, e aparece a imagem. É assim também com Niemeyer. Para ele, a beleza já vem pronta na natureza, com suas mais belas formas arredondadas. Cabe a ele contemplá-las e expô-las na sua obra.

Ouso dizer que Oscar Niemeyer é a encarnação de Deus na arquitetura do universo. Perdoe-me, Niemeyer. Creio em Deus e, no fundo, não há criatura mais bela do que tu, do nosso Deus. Deus fez a natureza baseado em seu projeto de criação. Niemeyer inspira-se nessa mesma na-

tureza para resgatar o projeto de Deus, tamanha a beleza, tamanha a harmonia, tamanha a criatividade.

Ele é um homem à frente do seu tempo. A sua arte permanecerá moderna e atual. Não importa o tempo.

Ela se incluirá entre as mais belas obras dos grandes mestres da humanidade. Uma arte singular, que o identificará nos tempos que hão de vir.

Quem sabe tenhamos nós, no tempo presente, uma enorme dificuldade de entender a obra de Niemeyer. É que nos encantamos apenas com a beleza plástica e com a suavidade das curvas da sua criação. O que estaria, verdadeiramente, por trás das formas arrojadas da catedral de Brasília? Da sede da ONU? Do complexo da Pampulha? Da mesquita de Argel? Da Universidade de Constantine? Da sede do Partido Comunista Francês? Do Palácio da Alvorada? Em todas as esplanadas do mundo, seriam ministérios ou mistérios? Cada um de nós tem a sua leitura, quem sabe simplista, da autêntica mensagem embutida pelo artista. Mas, muitas delas, embora singelas, na humildade do autor, ensejam enigmas que se entranham em vigas de concreto moldadas no sentido de que o mais belo caminho entre dois pontos é, sempre, uma curva. Como nas montanhas da sua [cidade] Rio de Janeiro. Ou nas ondas que arrebetam em todas as praias.

Quando lhe perguntam sobre a sua melhor criação, diz ser o conjunto de edifícios do Congresso Nacional. Niemeyer diz também que “o principal não é a arquitetura, mas a vida e este mundo que devemos modificar”.

Nesse caso, pelo menos, o tal enigma é de mais fácil solução. A melhor obra, na concepção do criador, é, portanto, aquela que propicia as mudanças necessárias para tornar o mundo mais justo e humano. Um país com menos desigualdades. Neste mesmo caso, Niemeyer, com sua obra arquitetônica, continua à frente do seu tempo, enquanto nós, no mínimo, corremos em seu encalço. Estamos, ainda, longe do tempo do criador. Enquanto a arquitetura e os desejos de Niemeyer se projetam para o futuro, o Congresso, na sua formação humana, ainda vive tempos de Torre de Babel.

Para Niemeyer, a arquitetura só será válida quando usufruída por todos, sem discriminação de qualquer espécie. Nas igrejas, por todos os

credos. Nos edifícios das organizações internacionais, por todos os países. Nos memoriais, por todos os povos. Nos teatros, por todas as classes. Nas escolas, por todos os credos, países, povos e classes. Para ele, a arquitetura tem que ser horizontal, multidisciplinar e democrática. Ela de nada valerá, se não for usufruída por todos, sem discriminação.

Niemeyer tem também o dom de realizar sonhos. Foi o que aconteceu durante uma de suas entrevistas em um programa de televisão. Um pedreiro, retirante do Nordeste, Evandro dos Santos, narrou-lhe o desejo de ver os seus quase quarenta mil livros, encontrados nos lixos da cidade e acumulados por meio de doações, transformados em uma biblioteca comunitária no subúrbio do Rio de Janeiro.



“Sua arte permanecerá moderna e atual. Não importa o tempo. Ela se incluirá entre as mais belas obras dos grandes mestres da humanidade. Uma arte singular, que o identificará nos tempos que não de vir.”

Para o pedreiro, um sonho quase impossível, impossível de realizar a sua obra por meio de um projeto arquitetônico de um mestre, como Niemeyer.

Sonho prestes a se realizar, com a inauguração da biblioteca comunitária para o início de 2008. “O seu sonho também é meu. Me procure. Eu faço!”

Por isso, eu estou certo que todos os enigmas que possam estar embutidos nas obras de Oscar Niemeyer, aqui ou em qualquer outro lugar, trazem em si três referências principais: soberania, democracia e cidadania. Um grito de alerta contra as guerras e, principalmente, os senhores das guerras. Contra a fome e a miséria, em um mundo de tamanha opulência. Contra todos os tipos de tortura, física e psicológica, que maculam a espécie humana. Contra a barbárie de qualquer natureza, na arquitetura das prisões ou dos hospitais, nos meios fios de pedras moldadas nas ruas e praças, sob o concreto das pontes e viadutos e entre os muros da vergonha que dividem povos e nações.

Faço o que gosto, diz ele. Faz o que nos enleva, dizemos nós.

É assim que eu vejo o mestre Oscar Niemeyer. Ele é, para mim, um iluminado. A genialidade dos seus traços me faz aumentar a fé no sobrenatural. Ele é um dos muitos chamados, e um dos poucos escolhidos, para eternizar a obra divina.

São cem anos de um brasileiro que acredita sermos, todos nós uma partícula minúscula na imensidão do universo. Um universo do tamanho dos seus sonhos. São cem anos e, ainda, uma enorme vontade de aprender. Um ponto de exclamação para todos os brasileiros, mas que mais parece um jovem em busca de respostas para seus pontos de interrogação. Em entrevista para a TV Senado, Oscar Niemeyer demonstra emoção ao se dizer aprendiz de Física e Filosofia. Centenário, busca, ainda, conhecimento exterior e interior. Diz-se um grão de areia no universo e deixa transparecer como se o mundo que o cerca, apesar do tamanho alcance de sua arte, lhe fosse minúsculo.

Quem sabe pudesse reproduzir, pela Física, a obra de Deus em outros planetas e em outras galáxias. Com a Filosofia, quem sabe pudesse resgatar a obra do Criador no interior de cada um dos homens.

Por tudo isso, não haverá melhor homenagem a Oscar Niemeyer do que quando nós, aqui no Congresso Nacional, passarmos dissolver a Torre de Babel, que nos faz falar línguas tão diferentes, e voltar à concepção mais completa do criador dessas estruturas de tão belas formas. De nada adiantarão novos espelhos d'água e anexos mirabolantes, se construirmos apenas estruturas de concreto, como torres mediante as quais teimamos alcançar as alturas do nosso orgulho, mas que, na verdade, nos leva às profundezas da arrogância.

A melhor homenagem a Oscar Niemeyer será não apenas os nossos discursos, nem a preservação física destas estruturas desenhadas, com carinho e criatividade, em sua prancheta de trabalho. Homenageá-lo de verdade, será encontrarmos a linguagem única do bem comum, da justiça social, do término de todos os tipos de discriminação e de desigualdade regional e pessoal e de renda com o fim da barbárie humana, da fome, da miséria e da violência.

Niemeyer disse, um dia, que mais importante que sua arquitetura são os jovens na rua, rostos pintados, para mudar o sistema. Não se

assustem, portanto, se, numa próxima ocupação do gramado diante do Congresso Nacional, lá estiver um jovem de cem anos, bandeira em punho, gritando palavras de ordem e pela ordem, frente à sua melhor obra do concreto, que se coloque em prática a inspiração que a concebeu. Pela sua coerência, será a mesma bandeira que empunhou nos grandes movimentos pela democracia, pela soberania, pela cidadania em 100 anos de História do Brasil.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – O Senador Francisco Dornelles pode usar da palavra.

O SR. FRANCISCO DORNELLES (Bloco/PP – RJ) – Como render as devidas homenagens a um dos maiores arquitetos do século XX, que é também um dos brasileiros mais conhecidos e admirados no exterior? Como homenagear o carioca que levou a curva para a arquitetura moderna, espalhando a inventividade e a leveza dos seus edifícios por muitas cidades brasileiras e estrangeiras?

Como parabenizar, enfim, o ser humano o ser humano ímpar, de rara dignidade, um dos fundadores do Brasil moderno e, também, uma de suas mais definitivas expressões?

Quem julgava, a dez ou quinze anos atrás, que o genial criador do conjunto arquitetônico da Pampulha, dos edifícios monumentais de Brasília, da Universidade de Constantine, da Editora Mondadori, do Sambódromo viveria apenas dessas e de muitas outras glórias passadas enganou-se profundamente.

Oscar Niemeyer já ultrapassara seus 80 anos quando surpreendeu a todos criando a jóia arquitetônica que veio enfeitar uma das mais belas linhas litorâneas do mundo. O Museu de Arte Contemporânea de Niterói surpreende não só pela sua simples e ousada beleza como pela mais que feliz integração à paisagem da baía da Guanabara.

Depois disso, Oscar Niemeyer continuou criando, em um ritmo que impressiona, prédios de conservação arrojada e lírica, tanto no Brasil como no exterior. Agora mesmo, em diversas cidades do mundo, tais como Niterói ou Avilés, na Espanha, há prédios de sua autoria sendo construídos.

Sinto-me alguém que tem a felicidade de estar cercado pela criatividade de Oscar Niemeyer. Sua ligação com Minas Gerais, onde nasceu, é muito profunda. Foi com o Conjunto da Pampulha, onde se sobressai a Igreja de São Francisco, que Niemeyer alcançou seu primeiro grande vôo individual. Nesse projeto, que concede à curva uma presença e uma importância que tinham sido recusados pela arquitetura moderna, Niemeyer parece estar em íntimo diálogo com a escola barroca mineira, tão bem estudada pelo grande arquiteto e urbanista Lúcio Costa, seu mestre e amigo.

Alguns anos antes disso, em 1936, Niemeyer assinara, junto com Lúcio Costa e com Le Corbusier, o projeto da sede do Ministério da Educação, no centro do Rio de Janeiro, que se tornou um verdadeiro manifesto em concreto da nova escola.

Oscar Niemeyer confessa que uma parte pelo menos da inspiração mais profunda de sua obra arquitetônica vem do Estado e da cidade que eu represento, que é a cidade do Rio de Janeiro: da magnífica topografia sinuosa de uma cidade encantadora, que todos conhecem como Cidade Maravilhosa, com seus morros, montanhas e praias.

Essa paixão recebe sua consagração com a construção da Passarela do Samba, monumento arquitetônico à alegria e à maior festa da cultura brasileira, que, não fosse o bastante, cumpre também sua função social de escola pública ao longo de todo o ano.

Falar da presença de Oscar Niemeyer em Brasília soa como redundância, tão extensa e marcante ela é. Brasília, monumento da arquitetura moderna, resulta, entre outras coisas, da renovação de duas parcerias felizes de Oscar Niemeyer: com o Presidente Juscelino Kubitschek e com Lúcio Costa.

A inventividade de Niemeyer aqui vai se expressar tanto na modesta escala da igreja Nossa Senhora de Fátima, como também na monumental e inimitável obra do Congresso Nacional, onde nos encontramos; tanto na surpreendente, senão milagrosa, Catedral, como nas linhas mais clássicas do Palácio do Itamaraty. A elegante simplicidade da Coluna da Alvorada tornou-se, por sua vez, um símbolo da nova Capital, encantando e correndo o mundo na década de 60.

Há um ano, no mesmo dia em que Niemeyer completava 99 de existência, pudemos assistir à inauguração do Complexo Cultural da República. Formado por um museu de arte e por uma biblioteca e localizado bem próximo ao centro geométrico do Plano Piloto – ou seja, a Estação Rodoviária –, o Complexo Cultural não só seduz os visitantes e moradores da Capital, como parece estar mostrando a necessidade de levar a cultura letrada e a cultura artística ali para onde o povo está.

“O privilégio de contemplar e de conviver com as obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer é partilhado por muitos brasileiros e também por cidadãos de outros países.”



De certa forma, é isso o que a arquitetura de Niemeyer sempre fez, trazendo para o dia-a-dia e para a consciência dos cidadãos a beleza das formas que se levantam do solo e criam um novo espaço habitável. Suas criações atestam o arrojo da imaginação humana e mostram que a beleza deve estar presente no espaço público, integrada à sua função social, anunciando, assim, uma vida coletiva mais bela e mais completa.

O prazer ou privilégio, ao qual me referia, de conviver com a criatividade de Oscar Niemeyer tem seu lado mais íntimo e quase secreto. Em meu gabinete no Senado Federal, há um painel traçado pelas mãos de Oscar Niemeyer que ocupa toda uma parede. Trata-se de um presente do genial criador a seu amigo Darcy Ribeiro, que, quando Senador, nos anos 90, ocupou esse mesmo gabinete.

Os desenhos de Oscar Niemeyer recriam, livremente, aspectos de quatro de suas maiores obras. Duas delas são de universidades por ele projetadas: a Universidade de Brasília e a de Constantine, na Argélia. As outras duas correspondem a edificações de especial significado simbólico para nossa coletividade: a Passarela do Samba, ou Sambódromo, a que já me referi, e o Memorial da América Latina, sua mais original contribuição para a cidade de São Paulo.

Todas essas quatro obras tiveram a participação decidida e entusiasmada de Darcy Ribeiro, o que inspirou Oscar Niemeyer a presentear o amigo com bonitos desenhos de seu traço limpo e elegante. Esse painel,

que hoje está hoje tombado como patrimônio do Senado Federal, tornou-se uma espécie de patrimônio informal dos representantes do Estado do Rio de Janeiro.

O privilégio de contemplar e de conviver com as obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer é partilhado por muitos brasileiros e também por cidadãos de outros países. O orgulho de que um brasileiro se tenha tornado um gênio ímpar da arquitetura moderna, um dos grandes artistas de um século intensamente criativo, pertence a toda a nossa população!

Parabéns, Oscar Niemeyer! Como senador do Rio de Janeiro, cumprimento V. Ex^a. Sinto orgulho de ter uma pessoa como V. Ex^a presente, morando em nosso Estado. Parabéns, Oscar Niemeyer, por esse século de vida que nos brindou com tanta genialidade!

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador José Nery.

O SR. JOSÉ NERY (PSOL – PA) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, o Brasil inteiro comemorou o aniversário de 100 anos de vida de Oscar Niemeyer, maior nome da arquitetura deste País, completados em 15 de dezembro passado. Belas reportagens, retrospectivas de sua vida e obra, imagens dos edifícios, monumentos e paisagens que concebeu e construiu foram veiculadas em sua homenagem pelas grandes empresas e redes de comunicação. Numerosos eventos acadêmicos realizaram-se nestas últimas semanas, para reafirmar a importância de sua obra para a arquitetura brasileira e mundial. Uma justa e obrigatória homenagem a um arquiteto genial, que é motivo de orgulho para todos os brasileiros, para os que residem ou transitam em Brasília, motivo para um reconhecimento especial de quem não pode deixar de atribuir ao gênio a pujança e a beleza de seus edifícios e espaços mais marcantes.

Oscar Niemeyer nasceu no Rio de Janeiro, no distante ano VII do século passado, para valorizar a paisagem de várias cidades brasileiras e do mundo e para revolucionar a própria arquitetura como atividade construtiva e criativa, inventiva por excelência.

O grande público brasileiro pôde rever, lembrar e readmirar obras mais ou menos conhecidas, que justificam o amplo reconhecimento de seu talento extraordinário, como os edifícios construídos na Pampulha

(a Igreja de São Francisco de Assis, o Cassino e o late Clube) entre 1942 e 1943; o Banco Boa Vista, no Rio de Janeiro, em 1946; o Centro Técnico da Aeronáutica de São José dos Campos, em 1947; o conjunto do Parque Ibirapuera em São Paulo, nos anos 50; as mais emblemáticas construções de Brasília, nos anos 60; a Universidade de Costantine, na Argélia, na década de 70; o Sambódromo do Rio de Janeiro e o Memorial da América Latina, em São Paulo, nos anos 80. São ainda de Oscar Niemeyer a sede do Partido Comunista Francês, em Paris; o Museu de Arte Contemporânea, em Niterói; alguns antigos edifícios residenciais em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, entre centenas de grandes obras, muitas das quais ainda não catalogadas. Há obras de que o autor não se lembrava, como o Memorial da Cabanagem, construído na década de 80, na entrada de Belém, Capital do Estado do Pará, na BR-316, que definitivamente marcou aquela área do espaço urbano da capital paraense.

Admiro-o de maneira especial por preservar antigas convicções políticas e ideológicas, pelo altruísmo e generosidade que o fazem indignar-se com as injustiças e os dramas que afligem a maioria da humanidade, produzidos em nome de interesses socialmente minoritários, para atender a voracidade capitalista. Estimulam ainda mais a continuar marchando nas fileiras da esquerda suas declarações de crença na possibilidade histórica de um mundo novo, sem miséria e violência, de um mundo em que homens e mulheres sejam livres e tenham prazer em serem úteis, de um mundo fraterno e igualitário do socialismo.

Com essa convicção tantas vezes reiterada e pelos laços fortes que estabeleceu com governos democráticos passados, era previsível a perseguição que lhe fez a ditadura militar instalada em 1964. Como outros ilustres brasileiros, Oscar Niemeyer foi intimado pelo DOPS a depor sobre seu suposto envolvimento com a subversão e obrigado a exilar-se no exterior, escolhendo Paris para viver e dar continuidade a seu trabalho de arquiteto, período em que criou a Universidade de Constantine, seu projeto favorito. Antes, seu escritório foi saqueado, e o escritório da revista *Módulo*, que dirigia, foi semidestruído. Seus projetos começaram a ser recusados. E, em protesto contra a política universitária, desligou-se da Universidade de Brasília, junto com muitos outros docentes. Mas contribuiu, com seu renome

internacional e sua vocação democrática, para o enfraquecimento continuado e conseqüente derrota da ditadura até que se instituisse o atual Estado Democrático, consciente de que a democracia possível nesse momento estaria longe de corresponder aos interesses históricos dos trabalhadores e excluídos, sem deixar de defender a superioridade de uma verdadeira democracia socialista.

Mas não é esta, senhoras e senhores, a razão fundamental para este pronunciamento. O interesse que me move neste momento é o de integrar-me às homenagens de todo o País a Oscar Niemeyer, pela unanimidade que ele enseja como arquiteto genial. Para ele, a perspectiva de construção de um mundo novo inclui necessariamente o direito universal à contemplação do belo e à liberdade criativa do arquiteto.

Por isso, mesmo indispondo-se contra a arquitetura comercial e o usufruto socialmente desigual da arquitetura, quase sempre a serviço das minorias sociais abastadas, distinguiu-se das vertentes eminentemente coletivistas ou funcionalistas, criadas para fins de suposto contraponto à urbanização capitalista. Argüido, apresenta soluções arquitetônicas para a desordem urbana e a distribuição socialmente desigual dos bens e serviços que a cidade proporciona, considerando os interesses das maiorias pobres e excluídas da população.

Por exemplo, a verticalização da arquitetura, cada vez mais imperiosa diante do crescimento urbano acelerado, requer afastamentos horizontais adequados. O desenho das cidades deve prever a oferta equilibrada e equânime dos transportes, serviços, praças, espaços culturais etc. Ademais, uma cidade moderna deveria ter densidade demográfica limitada e não crescer sem controle.

Oscar Niemeyer procede em suas obras uma deliberada simplificação do conteúdo racionalista preconizado pela arquitetura conservadora. Ao mesmo tempo, cria motivos também muito simples para realçá-las e valorizá-las esteticamente com efeitos espetaculares.

Especialistas chamam a atenção para as características dos edifícios de Brasília para definir o significado inovador em sua arquitetura. Ao projetá-los, optou por princípios formais intencionalmente simples, mas

desenvolvimentos com extrema parcimônia de acabamentos, como os antepeços curvos de mármore para o Palácio do Planalto; como a parede em caracol para a capela anexa; como a cúpula normal para o Senado e invertida para a Câmara dos Deputados; como a coroa de pilares perfilados para a Catedral, princípios que não têm relação com estruturas de sustentação dos edifícios em si mesmos, que estão a eles sobrepostos por ter um efeito eminentemente estético. Mas o diferencial é que esses elementos deixam de pertencer exclusivamente aos edifícios, vinculando-se também ao espaço circundante. Por isso, suas obras adquirem uma conotação surrealista.



“ É uma honra falar sobre essa personalidade ímpar e tão extraordinariamente humana, talentosa e capaz.”

Queria também elencar entre os marcos da vida de Niemeyer a sua vocação para a política, o seu engajamento na construção do Partido Comunista Brasileiro, tendo nele ingressado em 1945. Com a sua visão de mundo, com o seu compromisso com a transformação da sociedade brasileira, esteve ao lado de vários combatentes na luta por justiça social em nosso País. Esteve ao lado de Luís Carlos Prestes, Senador da República que honrou em toda a sua vida o compromisso da luta por uma sociedade justa e igualitária. Então, essa participação muito importante de Oscar Niemeyer na vida política do País e na construção do Partido Comunista Brasileiro e a sua solidariedade a vários lutadores e lutadoras sociais perseguidos ao longo da história recente do País são uma demonstração da grandeza da sua generosidade e do seu compromisso com a transformação do nosso País.

Este fato, a militância política de Oscar Niemeyer, deve ser realçado porque, além da beleza estética fenomenal de seus projetos arquitetônicos, sonhou – e sonha – com a construção de um Brasil livre das injustiças das desigualdades e da violência institucionalizada, que permitem que milhões de brasileiros ainda tenham negados os seus direitos básicos, fundamentais. Realçar a trajetória política, socialista, comunista de Oscar Niemeyer é reverenciar a sua militância, o seu compromisso com a transformação social no Brasil.

Oscar Niemeyer merece nossos aplausos, os mais efusivos aplausos deste Senado, na oportunidade de seu centésimo aniversário de nascimento, pela contribuição de valor histórico e cultural inestimável que dá sentido e afirmação à nação brasileira. É uma honra falar sobre essa personalidade ímpar e tão extraordinariamente humana, talentosa e capaz, que bendizemos, celebramos e parabenizamos pela sua generosidade pela sua capacidade e pelo seu compromisso com o Brasil dos nossos sonhos: um Brasil justo, livre e igualitário para todos. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Aloizio Mercadante, um dos subscritores dos requerimentos que tornaram possível esta homenagem.

O SR. ALOIZIO MERCADANTE (Bloco/PT – SP) – Sr. Presidente, Srs. Senadores, familiares, aqueles que nos acompanham.

A iniciativa desta audiência pública nasceu, evidentemente, da grandeza da obra de Oscar Niemeyer e pela oportunidade da data de seu centésimo aniversário.

Há uma passagem, quando Oscar Niemeyer recebe o Prêmio Pritzker da Arquitetura, que é uma espécie de Nobel da arquitetura, o seu prêmio mais conhecido, em que está dito: “Há um momento na história de uma Nação no qual o indivíduo captura a essência da cultura do País e lhe dá forma. Algumas vezes é através da música, da pintura, da escultura ou da literatura. No Brasil, Oscar Niemeyer capturou essa essência com sua arquitetura”. Essa frase sintetiza muito bem o que representa Oscar Niemeyer na história da arquitetura Brasil e na construção da identidade nacional.

“A exuberância da criatividade arquitetônica de Oscar Niemeyer está por toda a parte, em cada pedaço dos mais importantes espaços urbanísticos desta Nação.”



É verdade que ele disse – cito aqui de forma muito breve algumas passagens –, por exemplo: “Urbanismo e arquitetura não acrescentam nada. Na rua protestando é que a gente transforma o País”. Isso mostra um

pouco esse compromisso militante de coerência histórica que sempre marcou a sua presença na vida da sociedade brasileira.

E diz mais: “Nunca me calei, nunca escondi minha posição de comunista. Os mais compreensíveis, que me convocavam como arquiteto, sabem da minha posição ideológica. Pensam que sou equivocado e eu penso a mesma coisa deles. Não permito que ideologia nenhuma interfira nas minhas amizades”.

Ele diz outra frase que considero muito importante: “A vida pode mudar a arquitetura. No dia em que o mundo for mais justo, ela será mais simples”. Talvez essa frase represente a beleza de seu pensamento, a sabedoria de compreender e de reafirmar que no dia em que o mundo for mais justo a arquitetura será mais simples.

Não vou me estender citando tantas intervenções que ele fez, porque tenho certeza de que elas foram lembradas, nesta manhã, em uma homenagem mais do que esperada, eu diria, indispensável. Mas ele diz, Niemeyer: “A Arquitetura não é importante; a vida é que é importante”. Concordo em parte com ele. Goethe também, em uma passagem semelhante, disse: “Cinzenta, meu amigo, é toda a teoria; dourada é a árvore da vida”.

Concordo em parte, porque Oscar Niemeyer, a arquitetura dele, projetou o Brasil, é fundamental para construção da nossa identidade nacional, do que somos como povo, como nação, como sociedade. E, assim como Aleijadinho, teve um papel decisivo nas esculturas, na identidade nacional, pois projetou a alma do Brasil na escultura. Machado de Assis na ficção, Villa Lobos na música, Portinari na pintura, Cartola no nosso samba e Pelé com a sua chuteira são figuras que vão compondo a nossa identidade, a nossa cultura, a nossa forma de ser, a nossa essência como povo.

Queria dizer ao mestre Niemeyer que a arquitetura dele é importante, sim, para o Brasil, para a nossa História. E o seu exemplo de vida, de atitude, de cidadão, de coerência, de compromisso é muito importante para a vida de todos os brasileiros.

Portanto, este centenário dá orgulho ao nosso povo, a nossa História, a nossa identidade. E a obra, o talento, a criatividade, a exuberância, eu diria, da criatividade arquitetônica de Oscar Niemeyer está por toda a parte, espalhada, hoje, internacionalmente e em cada pedaço dos mais importantes espaços urbanísticos desta Nação.

Termino exatamente como comecei. Oscar Niemeyer, com suas linhas, com sua criatividade, com essas obras que temos e tantas outras em que ele foi decisivo para constituir, projetar e realizar, é um dos grandes nomes da História do Brasil que compõem a nossa identidade como povo, como sociedade e como Nação.

Portanto, este centenário é um momento de festa de todo o Brasil, seguramente, por uma vida bem vivida, uma vida que valeu a pena, uma vida que o povo brasileiro saberá sempre reconhecer e considerar na estatura dos grandes brasileiros que construíram esta Nação.

Parabéns, Oscar Niemeyer!

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Paulo Paim.

O SR. PAULO PAIM (Bloco/PT – RS) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi, nossos convidados na Mesa, em especial o neto de Oscar Niemeyer, para falar neste momento de Oscar Niemeyer, confesso que fico na dúvida entre o que está escrito e o improvisado. Mas posso dizer-lhe, Oscar Niemeyer Neto, que o seu avô é uma referência para todos nós.

Eu poderia começar dizendo que o conheci a distância. Nunca estive perto dele. Conheci as suas obras, a sua história, e sempre me refiro a ele como o arquiteto e o poeta, porque cada obra dele não tem a letra, tem o traço, mas ali está uma poesia.

Chego a dizer que na minha vida tenho algumas referências. Eu gosto muito da história de Gandhi, e para mim foi bonito ler que, para derrotar o império britânico, Gandhi dizia: “Estou indo em direção ao mar, buscar o sal”. E a população o acompanhava. Vinha a chibata, vinha a agressão, e ele não recuava. Ele foi em direção ao mar e acabou, com a sua força, derrubando o império britânico.

Eu tenho uma outra referência que é Nelson Mandela. Disseram para ele no cárcere: “Mandela, se você quer ser liberto, depois de vinte, vinte e cinco, vinte e seis anos de prisão, você tem que não mais combater o apartheid”. Responde Nelson Mandela: “Fico no cárcere, porque, no dia em que estiver do lado de fora, eu estarei lutando contra o *apartheid*”.

Eu sou daqueles que passaram pela época da ditadura. E como é que eu me lembro de Oscar Niemeyer? Oscar Niemeyer era perguntado

em plena ditadura: “Você reafirma?” E ele dizia: “Meu nome é Oscar Niemeyer, arquiteto e comunista”. Passaram os anos e tornaram a perguntar para ele: “Para voltar ao Brasil você muda?” “Meu nome é Oscar Niemeyer, arquiteto e comunista.”

Isso é muito bonito. Se hoje o Brasil avançou muito no social é porque existiram nessa caminhada homens como Oscar Niemeyer. E tenho muito orgulho de saber que, ao mesmo tempo em que ele olha para o horizonte, para as grandes obras, inclusive no meu Rio Grande, e não vou citar todas aqui, ele nunca deixou de olhar para o social. É como se o social estivesse sempre em primeiro lugar.

Eu poderia falar das obras de Porto Alegre, do livro que ele vai lançar em 2008: *O Ser e a Vida*; e de uma passagem em que Fidel Castro diz a ele: “Eu o apóio em sua árdua batalha por estimular o hábito de ler. Você diz que sem a leitura o jovem sai da escola sem conhecer a vida”. Esse é Oscar Niemeyer.

Mas quero ser rápido. Quando ouço uma canção de Toquinho e Vinícius, chamada *Aquarela*, não sei por que não penso no Toquinho e no Vinícius, mas no Oscar Niemeyer:

“Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo / E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo / Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva / E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva / Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel / Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu (...)”

Para mim, Oscar Niemeyer é isso. Da canção, da poesia ele faz uma obra. É isso que me encanta desse gênio, desse gigante que está, sem sombra de dúvida, acima, além do nosso próprio tempo.

Termino dizendo que, certamente, Oscar Niemeyer, que fez a revolução com lápis e papel, conquistou a todos, todos nós!

Ele deixa ao longo desses cem anos – e tomara, quem sabe, mais dez, mais vinte, mais trinta, mais quarenta –, um mundo mais bonito e mais humanitário.

Obrigado, Oscar Niemeyer, o arquiteto. Obrigado, Oscar Niemeyer, o poeta. Obrigado, Oscar Niemeyer, o comunista. Cada obra sua é

uma poesia que se vai eternizar não somente perante o Brasil, mas perante o mundo. Você é um gigante. Viva Oscar Niemeyer!

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Paulo Duque.

O SR. PAULO DUQUE (PMDB – RJ) – O importante nesta tarde é que nós estamos falando graças à moderna tecnologia para milhões e milhões de pessoas neste Brasil. Eu sei disso porque tenho recebido comunicações, cartas, *e-mails* das pessoas mais diferentes, que eu jamais vi, dos estados mais distantes da Federação.

Na realidade este plenário está superlotado de audiência do Brasil inteiro. E um fato interessantíssimo se dá hoje. Todos já falaram, discorreram, poeticamente ou não, sobre a vida do arquiteto carioca. Nós, do Rio, temos um desejo muito grande de que uma das obras primeiras e mais importantes do arquiteto Oscar Niemeyer seja transferida para o nosso Estado, para que, nesse edifício, instalarmos a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

É um edifício de marca internacional, como quase toda sua obra o é. Mas esse é diferente. Esse é de quando o Brasil ainda começava a caminhar. Esse é de quando os jovens da Escola de Belas-Artes estavam iniciando o curso de Arquitetura. Ainda não havia uma faculdade bem organizada, e um conjunto de jovens arquitetos foi convidado pelo então Ministro da Educação Gustavo Capanema para fazer o projeto do Ministério. Era preciso fazer um projeto para a cidade do Rio de Janeiro. A capital funcionava ali. Eu conheci ali, jovem ainda, aqueles nomes todos que estão lá.

Esse edifício hoje está subaproveitado, eu diria, apesar de ser uma marca internacional, e isso começou em 1936. Acredito que a maioria das pessoas que estão aqui neste plenário nem eram nascidas. E já, naquela ocasião, foi dada a partida para a grande corrida internacional da beleza da arquitetura. Foi o edifício mais criticado, mais ousado, mais reconhecido, mais admirado no ano de 1936.

Naquele edifício, encontram-se obras de Di Cavalcanti, Guarniere, Portinari – embora em artes muito afins, caminhavam juntos Portinari e

Niemeyer – que têm de ser preservadas como um brilhante precioso. Aquelas pinturas, aqueles murais estão lá, no Rio de Janeiro. A gente passa por perto, onde se encontra o melhor auditório da América Latina, sem dúvida alguma, pela concepção, pela sonoridade. Tudo isso foi feito naquela época em que o Brasil caminhava, depois da Semana de Arte Moderna de São Paulo, por novos rumos na arte.

A bancada carioca está lutando, com toda força, com todo vigor, para que essa primeira construção que ficou famosíssima e tornou-se marca internacional – o antigo prédio do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro – passe a ser bem cuidado, carinhosamente cuidado pelo novo Estado do Rio de Janeiro depois da transferência da Capital da República para cá. Por isso, vim à tribuna hoje, porque tudo o que se disse aqui foi dito merecidamente pelos oradores que me antecederam e por aqueles que ainda vão falar.

Saúdo aqui, com as minhas homenagens, todos aqueles que tiveram a iniciativa de promover este evento. Tenho certeza absoluta de que o Brasil todo está aplaudindo hoje esta homenagem do Senado aos cem anos de Oscar Niemeyer.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Marco Maciel. DEM – PE) – Concedo agora a palavra ao nobre Senador Flexa Ribeiro.

O SR. FLEXA RIBEIRO (PSDB – PA) – Não poderia furtar-me a vir aqui no momento em que se homenageia um brasileiro da estirpe e da história de Oscar Niemeyer. Sr^{as} e Srs. Senadores, não é todo dia que o Brasil tem a chance de celebrar o centenário de um dos mais destacados personagens da história da Arquitetura do planeta. Comparável à estatura de um Michelângelo no generoso imaginário artístico brasileiro, Oscar Niemeyer comemorou seu centésimo aniversário no último dia 15, ao lado de amigos e parentes. Recepcionado na Casa das Canoas – primoroso projeto de Niemeyer no Rio de Janeiro –, surpreendeu a todos com a modéstia demonstrada, exaltando, antes de tudo, a igualdade entre os homens.

Na oportunidade, fez questão de reiterar que, “na curta passagem da vida, a única palavra que importa é a solidariedade. O importante é a fraternidade e a igualdade entre os seres”. Para ele, ainda, o cente-

nário não seria importante, até mesmo a Arquitetura não seria importante. “O que importa mesmo é ser tranquilo e otimista”, declarou o arquiteto nessa ocasião.

Niemeyer recebeu na Casa das Canoas dezenas de amigos, no meio dos quais se destacou o nobre Senador Marco Maciel, a quem o Senado Federal simbolicamente atribuiu as funções protocolares de saudação.

O “ano Niemeyer” teve alguns desdobramentos recentes, que se materializaram em homenagens aqui no Brasil e pelo mundo afora. Brasília, símbolo mundial da arquitetura, é reconhecida como uma obra que vai, com certeza absoluta, ser mantida não diria por séculos, mas ao longo de milênios, como uma obra da inteligência e da criatividade de Oscar Niemeyer. Por isso, ele não recebeu só as homenagens no Brasil; recebeu em vários países, Senador Paulo Duque.

A França o condecorou com a medalha de Comendador da Legião de Honra, a mais prestigiada homenagem do governo francês. No seu apartamento em Copacabana, o Embaixador da França no Brasil fez a entrega dessa comenda ao grande brasileiro Oscar Niemeyer. Ele teve vários projetos desenvolvidos na França. Entre eles, alguns já citados aqui, a sede do Partido Comunista Francês, a sede do jornal *L’Humanité*, sem falar no Centro Cultural de Le Havre.

Há ainda a homenagem da Rússia, da qual Oscar Niemeyer recebeu o Colar da Amizade dos Povos, pelas mãos do Embaixador da Rússia no Brasil. Além disso, Senador Mão Santa, recebeu Oscar Niemeyer uma carta elogiosa do Presidente da Rússia, Vladimir Putin.

Oscar Niemeyer, arquiteto carioca, um dos principais nomes da área em âmbito internacional, também recebeu, como disse, homenagens aqui no Brasil. Afinal de contas, condecorações não são os únicos tributos pagos. Em São Paulo, por exemplo, na sala da Bienal de Arquitetura, os desenhos originais expostos no Museu de Arte Contemporânea da USP foram destaques. Em Niterói, o prédio do Museu de Arte Contemporânea tem em cartaz a mostra “Oscar Niemeyer – Arquiteto, Brasileiro, Cidadão”, expondo um resumo das principais fases da obra do arquiteto, com painéis, croquis, maquetes e desenhos.



“Cabe exaltar não somente as obras, mas sobretudo seu legado humanista, suas idéias coletivistas, sua dedicação à beleza em prol de um social mais justo e feliz.”

Ricardo Ohtake, arquiteto amigo e discípulo, conta que, na década de 30, enquanto o racionalismo se implantava no mundo por meio das linhas retas expressivas da indústria, Niemeyer introduziu sinuosamente a presença das curvas nas formas metropolitanas. Na época, o Brasil tipicamente agrícola instaurava um novo caminho para o racionalismo mundial, contribuindo para o avanço de novas frentes do modernismo.

Não por acaso, num levantamento feito recentemente, cerca de 22 países já lançaram material variado sobre Niemeyer. Até 2005, foram publicados 53 livros e periódicos, além de dezoito filmes de televisão. Não era para menos, são nada menos que setenta anos de atividade.

É o próprio Ohtake quem comenta a importância do arquiteto brasileiro no mundo, constatada por ele quando participara da inauguração da Pirâmide do Louvre, em 1989.

Cabe exaltar não somente as obras e os desenhos magicamente traçados pelo gênio da Arquitetura, mas sobretudo seu legado humanista, suas idéias coletivistas, sua dedicação à beleza em prol de um social mais justo e feliz.

O meu Estado do Pará tem a honra de ter uma obra de Oscar Niemeyer em Belém: um memorial, A Cabanagem, o maior movimento revolucionário popular do Brasil. Oscar Niemeyer foi convidado para fazer o projeto desse monumento. Ele não conhecia a Cabanagem. Pediu que lhe encaminhassem livros, materiais sobre o movimento da Cabanagem, para que ele pudesse, então, ao tomar conhecimento, ter a sua inspiração. Ao ler sobre a Cabanagem, ao ver a importância desse movimento no âmbito do nosso País, ele se dispôs a fazer o projeto e nada cobrar do Governo do Estado do Pará, porque era, eu diria, uma homenagem que ele, com toda a sua sensibilidade, faria não só ao Pará, mas também ao movimento da Cabanagem. Assim, nós temos hoje, na entrada de Belém ou na saída de Belém, conforme o sentido de deslocamento, a obra de Oscar Niemeyer que orgulha a todos nós paraenses.

Em suma, para ele, Arquitetura é, sim, uma invenção; mas não uma invenção solitária. Longe de imaginar que o arquiteto possa se iso-

lar em suas próprias obras, cumpre pensá-las como ofertas à coletividade, pois, afinal de contas, antes das obras, respira a alma humana com sua comum humanidade.

Parabéns ao Brasil! Parabéns ao brasileiro Oscar Niemeyer!

O SR. PRESIDENTE (Marco Maciel. DEM – PE) –Solicito que ocupe a tribuna o nobre Senador Mão Santa.

O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI) – Presidente Marco Maciel, parlamentares, brasileiras e brasileiros presentes e que nos assistem pelo sistema de comunicação do Senado, é tempo de deflagrarmos uma campanha para o Brasil ter o primeiro Prêmio Nobel. Eis o homem, o nosso homenageado Oscar Niemeyer.

Eu represento aqui o Piauí e quero dizer, Oscar Niemeyer, que o Estado lhe deu o seu irmão camarada Evandro Lins e Silva, na vida, no sonho, nos ideais políticos, na moralidade e na solidariedade.

O que eu entendo deste Brasil é que nós começamos mesmo foi no século XIX, quando nos tornamos independentes, libertamos os escravos e gritamos a República. Desse século, então, passo para a história dos dois maiores nomes: um político, Pedro II, que governou esta Pátria e tornou uma língua comum; o outro, o homem empreendedor, sonhador, realizador que foi Mauá.

No século seguinte, cito dois homens também: o político Juscelino Kubitschek de Oliveira. E o sonhador, o idealizador, o realizador, o empreendedor Oscar Niemeyer.

Está escrito no livro de Deus que Ele escolhe os seus, os abençoa e lhes dá longa vida. E nessa longevidade o escolhido exerce sua profissão até o fim da existência. Esses são os escolhidos, os abençoados.

Oscar Niemeyer, V. S^a é abençoado pelo outro Arquiteto do Universo, Deus, na longa vida e no exercício. O profeta Tiago diz que a fé sem obras já nasce morta. A fé de Oscar Niemeyer é como as obras. Saltam aos olhos, espalhadas e nos orgulham.

Para explicar as obras desses dois homens, Juscelino e Niemeyer, vamos ter de dizer que eles viveram como antigamente, como está na Bíblia: 800 anos, 900 anos.

Estas são as minhas palavras, com a crença do povo cristão do Brasil: Deus abençoe esse extraordinário brasileiro de que nos orgulhamos, próximo Prêmio Nobel. Essa, sim, é a conquista que o Brasil quer.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Sr. Presidente, antes de encerrar os trabalhos, gostaria de comunicar à Presidência e também a todo o povo brasileiro que o Presidente da República sancionou projeto de lei de nossa autoria, aprovado no Senado e na Câmara, e transformou o ano de 2007 no Ano Niemeyer. Trata-se da Lei nº 11.611, de 14-12-2007, que manifesta esta justa homenagem conjunta do Poder Legislativo e, com a sanção presidencial, do Poder Executivo a Niemeyer.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

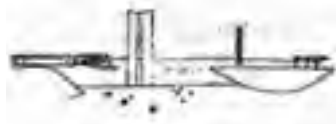
O SR. PRESIDENTE (Marco Maciel. DEM – PE) – Parabéns ao nobre Senador Inácio Arruda por haver apresentado o projeto de lei que tornou possível denominar 2007 o Ano Oscar Niemeyer.

Antes de encerrar a presente sessão, gostaria de agradecer a presença das autoridades que aqui compareceram, dos admiradores de Oscar Niemeyer, e, de maneira especial, fazer referência à presença do Sr. Carlos Oscar Niemeyer Magalhães, que representou seu avô, o arquiteto Oscar Niemeyer, embora este também estivesse presente graças aos recursos da moderna tecnologia.

Esta foi a primeira videoconferência que realizamos no Senado Federal, um fato inédito. Niemeyer, que foi tão precursor de muitas iniciativas, está contribuindo também para que o Senado ofereça algo inédito: a realização de uma videoconferência, por meio da qual pudemos ouvi-lo e ele nos ouviu. Assim, todo o País se uniu em uma grande confraternização, prestando essa merecida homenagem a Oscar Niemeyer.

Desejo finalmente entregar ao neto do arquiteto Oscar Niemeyer – e peço ao Senador Inácio Arruda que me ajude nessa missão – essa lembrança, rogando-lhe que faça chegar às mãos do avô ilustre num justo pleito de reconhecimento do Congresso Nacional pela passagem dos seus 100 anos de proba, digna e fecunda existência.

Está encerrada a sessão.



SENADO FEDERAL
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900
Brasília – DF

OS nº 2877/2008

SENADOR INÁCIO ARRUDA

O Senador Inácio Arruda iniciou sua vida pública ainda na década de 80. Servidor público e eletrotécnico, foi eleito vereador em 1988, deputado estadual em 1990 e deputado federal em 1994, se reelegendo em 1998 e 2002. Em 2006, foi eleito Senador pelo Estado do Ceará, com quase dois milhões de votos, sendo o primeiro comunista a ocupar uma cadeira no Senado depois de Luís Carlos Prestes, em 1946. É líder do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) no Senado e membro do Comitê Central do Partido.

Em sua atuação legislativa destaca-se a emenda constitucional, em conjunto com o Senador Paulo Paim, que propõe reduzir a jornada semanal de trabalho de 44 para 40 horas, com meta de criar 3,6 milhões de novos empregos no Brasil. Inácio Arruda também foi autor do substitutivo, na Câmara dos Deputados, que resultou no Estatuto da Cidade.

Inácio Arruda está entre os cem mais influentes parlamentares da Casa, segundo pesquisa anual do DIAP. No Senado, atua como titular das Comissões de Infra-estrutura, de Educação, de Assuntos Sociais e de Direitos Humanos e Legislação Participativa. É suplente nas Comissões de Constituição e Justiça, Assuntos Econômicos, Meio Ambiente, Direitos do Consumidor e Fiscalização e Controle, Desenvolvimento Regional e Relações Exteriores, além de ocupar a relatoria da Comissão Parlamentar de Inquérito que trata das Organizações Não-Governamentais – CPI das ONG's.

O Senador também desenvolve sua atividade parlamentar junto a várias subcomissões no Congresso. É vice-presidente da Subcomissão de Combate ao Trabalho Escravo, e membro da Subcomissão Permanente de Aquecimento Global, da Subcomissão Temporária dos Marcos Regulatórios, da Subcomissão Temporária sobre Gerenciamento de Resíduos Sólidos e da Subcomissão Permanente que acompanha o Regime Internacional sobre Mudanças Climáticas.

Inácio Arruda compõe a representação brasileira no Parlamento do Mercosul, órgão legislativo que reúne congressistas do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, e é vice-presidente do Conselho Bertha Lutz, que anualmente aprecia as indicações e escolhe as agraciadas com o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz.